

## A Sombra do Materno sobre o Feminino – Experiências Clínicas no Contexto da Pandemia.

Denise Salomão Goldfajn

Gostaria de agradecer à Associação PsiRelacional pelo amável convite para esse intercâmbio. Agradeço ao presidente Professor Manuel Matos e ao colega Hélder Chambel por essa oportunidade. Hélder, e outros colegas, têm facilitado o importante intercâmbio entre colegas brasileiros e portugueses, principalmente quando tratamos de difundir no Brasil, o viés relacional em nossos estudos psicanalíticos.

Digo nos estudos psicanalíticos porque dificilmente a clínica psicanalítica contemporânea que praticamos, e que eu nomeio como “clínica-nossa-de-cada-dia”, consegue ser mantida sem o viés relacional. Mas o que estou chamando de viés relacional? Trata-se de uma mudança de eixo da observação clínica, que afeta completamente o ofício do psicanalista.

O psicanalista passa a observar não mais a psicologia de uma pessoa, mas está atento ao funcionamento de um par, seja no relato das experiências do paciente, no contato com o analista e no ambiente social. O manejo clínico da transferência, contratransferência e *enactments*, são hoje instrumentos correntes que balizam nosso encontro clínico, mas sabemos que são fenômenos presentes em qualquer relação humana, basta pensar no mundo polarizado em que vivemos, carregados de projeções múltiplas que nos cegam e nos fazem oscilar entre a paranoia e a negação. A tensão é inevitável. E durante a pandemia vivemos essas tensões sociais em grande intensidade através de nossos pacientes e com eles também.

Assim o psicanalista se inclui na vida do analisando, da mesma forma que o analisando faz parte da vida do analista. Contudo, com treino e análise pessoal, o analista mantém certa assimetria que o possibilita a permanecer ao máximo na posição de quem cuida, ciente da responsabilidade, pois quem cuida pode também traumatizar.

Devemos a Sándor Ferenczi, o entendimento relacional, a partir da compreensão essencial da dinâmica do trauma, inexoravelmente ligado ao desenvolvimento

psicossexual infantil, onde eventos traumáticos podem progredir de forma estruturante ou desestruturante na formação egóica ou da personalidade.

Os traumatismos são, portanto, vicissitudes do encontro, dos vínculos e das relações, que são centrais a existência humana. Sofrer é, portanto, a dor de viver. Essa frase, que parece um bom tema para um fado, é para Ferenczi um triunfo da existência.

Só sofre quem está vivo o bastante para saber discernir entre as dores e as delícias de existir. O excesso de sofrimento, no entanto, está ligado a ameaça da existência. O sofrimento torna-se mudo, silencioso, dissociado e desligado para permitir a continuidade de uma existência mesmo que sem luz. Na poética de Ferenczi, o trauma infantil marca o desenvolvimento da criança, destaco por exemplo a frase exemplar de Ferenczi em seu texto “Confusão de Línguas Entre os Adultos e a Criança”.

“Pensa-se nos frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere, e na maturidade apressada de um fruto bichado” (Ferenczi, 1933/1992, p. 104).

A linguagem poética utilizada por Ferenczi é a crua descrição do que ele testemunhou em sua própria clínica, atendendo analisandas que foram severamente abusadas na infância.

Para Ferenczi, vale lembrar que a existência humana é utraquista, ou seja, é ambígua e materialista feita tanto de carne como de espírito. Para este autor, a ideia de existência é uma complexa mistura de vida biológica, evolutiva, psicológica, social e filosófica. Portanto, a marca do encontro abusivo, excessivamente violento, marca não somente a criança, mas cria um efeito que atinge a comunidade, com apagamentos, excessos, ausências e desligamentos. Ferenczi, como vocês sabem, sofreu um apagamento por insistir em falar e entender os efeitos do espectro traumático e da criança abusada.

Para o autor húngaro, o trauma infantil precisa ser cuidado pela sociedade de adultos que devem adaptar-se as necessidades da criança, assim como a mãe faz com seu filho, para perpetuar a espécie. Para Ferenczi, esse cuidado é maternal. Ferenczi descreve o maternal como matriz, origem e usa a figura mítica de

Thalassa, deusa/matriz da origem aquática das espécies e modelo, portanto, de uma mãe-ideal que se desmancha e se funde com o outro para gerar e dar forma, perdendo-se para se reencontrar, morrendo para renascer, no gozo do sexo e no encontro intersubjetivo que dá lugar psicológico à existência de um outro. Assim Ferenczi denomina de matriz materna primária (Thalassa, 1926/2011) a matriz primordial da existência que gera um ser a partir de outro, cedendo lugar ao novo ser. Para que a nova existência prossiga é preciso o cuidado materno, é preciso dar lugar, privilegiar a criança. E para isso é preciso empatia. A empatia que Ferenczi descreve está ligada a capacidade do analista de dar lugar ao outro para que ela exista por si só. É necessário que um cuide do outro, é necessário a abnegação de uma mãe que tudo possa dar, uma mãe oceânica como a mítica deusa Thalassa.

Resgataremos, então, o personagem que deu início ao matriarcado na psicanálise, oscilando entre a idealização de uma mãe totalmente abnegada e capaz de um amor incondicional, mas que também dá valor a potência feminina na construção dos vínculos do cuidado dando importância ao seu papel no desenvolvimento sexual infantil. Teorização iniciada por Freud, mas que encontra em Férenczi e em psicanalistas de seu tempo como Karen Horney e Lou Andreas Salomé, críticas à construção social de gêneros, passivo (feminino) e ativo (masculino) abrindo espaço para um descentramento do complexo de Édipo descrito por Freud, onde novas configurações sobre o materno e sobre o sexual emergem.

Mas para chegar a esses temas, gostaria de revisar o lugar de Ferenczi na psicanálise.

## **O lugar de Ferenczi na psicanálise.**

Onde está o pensamento de Sándor Férenczi na transmissão da psicanálise hoje? Porque é que essa pergunta é importante? Porque a grande maioria de psicanalistas formados ou formando-se nas sociedades de Psicanálise mais tradicionais, pelo menos no Brasil, não possuem em seus currículos um estudo sistemático sobre o pensamento de Sándor Férenczi que acompanhe de forma contígua a leitura das obras de Freud.

Ao reconhecermos que deixamos o pensamento de Férenczi sem um estudo sistemático de seu diálogo com Freud e com outros psicanalistas de seu tempo,

nos arriscamos a dois possíveis erros. O primeiro, seria considerá-lo como um pensador que desenvolveu uma linha teórica revolucionária e instá-lo a herói da resistência. Férenczi não foi um dissidente, ele não foi criador de uma escola ou um líder com seguidores. Outro erro comum é ler Ferenczi independente de sua contiguidade a Freud e considerá-lo contemporâneo, perdemos com isso a riqueza do contexto das suas ideias, especialmente sobre a natureza e impacto do trauma psíquico nas formações subjetivas, e a inclusão do materno na construção social dos papéis de gênero. A falta de compreensão da originalidade das descobertas clínicas de Ferenczi, seu impacto no pensamento Freudiano, criam dificuldades fundamentais para sistematizar de forma ampla o pensamento psicanalítico e suas ramificações até nossos dias, às vezes dando a impressão de que a psicanálise relacional é ruptura quando há bastante continuidade na evolução da matriz clínica, como sugere Ferenczi desde os primórdios da psicanálise.

Sabemos que, historicamente, há razões bem delineadas para a ausência da presença de Férenczi de forma integrada. Uma forma que uso para entender essa ausência é pensar que, em nosso livro imaginário sobre a historiografia da psicanálise, veio faltando um capítulo, o segundo capítulo. Arrancado, pelo que chamamos hoje de “apagamento” de Férenczi que durou aproximadamente 50 anos.

Muito já se escreveu sobre essa história. Mas, vamos novamente a um pequeno resumo. Férenczi foi um autor presente no que Freud (1914) chamou de “história do movimento psicanalítico” criador da IPA, responsável pela criação dos primeiros periódicos internacionais de publicações de artigos sobre a psicanálise, atuante no diálogo da psicanálise com outros campos do saber, foi o primeiro a introduzir a psicanálise nas universidades e sempre foi interessado por questões sociais à sua volta, seja na defesa dos direitos dos homossexuais, seja nos questionamentos sobre o binarismo de gênero.

No obituário que Freud (1933) escreveu, ele honraria o seu companheiro com o seguinte trecho: “A maioria de seus escritos fizeram de todos os analistas seus discípulos... é impossível imaginar que a história de nossa ciência venha a esquecê-lo”.

Mas, Ferenczi foi “esquecido.” De acordo com Bonomi e Borgogno (2014), Ernest Jones publica na biografia que escreveu sobre Freud (1942), difamações sobre

a saúde mental de Ferenczi que, como ele sabia, não eram verdadeiras. Jones afirmaria que Férenczi estaria doente, o que era verdade, e psicótico, inverdade. Como consequência, os seus textos foram banidos dos institutos de psicanálise da IPA e as suas críticas a Freud e às suas teorias, enterradas. Hoje, as afirmações de Jones são reconhecidamente uma das grandes “fake news” na historiografia psicanalítica. Mas não foi a única, aliás recolocando Ferenczi como o 2º capítulo em nosso livro, fica mais fácil para identificar outras “fake news” psicanalíticas.

É bom lembrar, Ferenczi é o autor mais citado por Freud em suas obras originais. Ferenczi é citado 69 vezes, e com o maior número de textos diferentes citados por um mesmo autor, 34 textos diferentes (Gutierrez-Peláez, 2013).

Por isso, creio que, cabe-nos uma pergunta, embora a “vilanização” de Ernest Jones seja uma condição necessária para o apagamento de Férenczi, seria por si condição suficiente para a extensão desse apagamento? O que possibilitou o renascimento de Ferenczi, após 50 anos de apagamento de seus textos dos institutos de psicanálise? E desde então, o que perdemos e o que é possível resgatar?

Entre as grandes contribuições que Ferenczi nos deu, destaco os textos publicados a partir de 1928, quando seu pensamento maduro sobre suas próprias descobertas e teorias foram mais bem sistematizadas. Note-se a clara importância dada ao cuidado ambiente, a necessidade da adaptação da família à criança, a hospitalidade as crianças mal acolhidas ou excluídas e sua proximidade com o ódio mortífero quando não há amor. O mais traumático, o abuso que provoca a confusão de línguas e de papéis quando o adulto que deveria cuidar da criança requer dela submissão e gratificação sexual forçada, e um segundo adulto desautoriza o sofrimento que esse primeiro abuso provoca na criança, estabelecendo uma relação violenta que ocasiona um despedaçamento da criança por total falta de confiança em suas percepções sobre o externo e sobre si mesma.

Todas essas ideias presentes nos textos do autor, escritos entre 1928 e 1932, estão calcadas na compreensão da dinâmica relacional de duas pessoas e das trocas entre o ambiente e o eu. São desdobramentos do contacto que desliza

por uma matriz única relacional, estabelecendo uma forte ligação erótica entre duas pessoas, oscilando entre o cuidado e o traumatismo e entre a vida e a morte.

A partir dessa compreensão, Ferenczi passa a defender uma mudança na atitude do analista com seu analisando. Ele propõe que o analista deva ter com seu analisando uma atitude benevolente e amistosa, especialmente com aqueles que sofreram severos abusos infantis. Há aqui uma mudança na ética do cuidado. Assim para Férenczi, o analista deveria, como uma mãe, cumprir a função de hospedar, de cuidar e de se adaptar às necessidades de seus pacientes. Sementes que proliferaram no pensamento de Melanie Klein e Wilfred Bion. Bion, desconfio, teve sem saber, a extensão do DNA psicanalítico de Ferenczi, ele foi analisando de John Rickman e Melanie Klein, ambos analisados por Ferenczi.

Curiosamente, o psicanalista contemporâneo André Green (1990) escreveu: “Sabemos que entre 1928 e 1932, Ferenczi produziria uma série de trabalhos que o tornariam o pai da psicanálise moderna” (p.66).

O pai da psicanálise moderna? Mas se Ferenczi sempre esteve junto a Freud porque é que as mudanças que ele propôs seriam consideradas modernas ou contemporâneas? Algo da ordem de um *avant-garde*, precoce e prematuro que precisaria de um pai para reconhecer sua existência. Assim, segundo Green, teríamos mais um pai para a psicanálise e algumas mães mortas.

Em outra linha de compreensão, Axel Hoffer (1991) defende que Ferenczi foi na verdade a mãe da psicanálise, o autor que conferiu ao materno a matriz fundamental para o desenvolvimento sexual, corporal e psíquico, sem divisão.

Freud entendia que era a lei paterna, que conferia a atividade como masculina, pela ação de castrar e fugir da castração que poderia estar presente no homem ou na mulher, regulando a preservação da vida e o desenvolvimento da cultura. Para Férenczi seria o amor materno, uma abnegação sem limites que garantiria que as frustrações com o desprazer superassem o complexo edípico, pelo vínculo amoroso com o outro, na construção de um funcionamento bi-pessoal, onde os adultos poderiam produzir e cuidar de uma nova criança. O materno seria, portanto, a gênese erótica da pulsão que oscilaria entre a vida e a morte (Thalassa de 1926)

Dessa forma, não foi somente a rivalidade masculina de Freud ou de Jones em relação a Férenczi que o arrancou de nossos livros, ao arrancarmos Férenczi prematuramente de nossa formação e de nossos estudos, banimos também a oportunidade de entender a gênese da “matriz materna primária” que Ferenczi (1924/1993) propõe em seu texto *Thalassa*. Desaparecem também os comentários sobre esse materno de outros personagens com quem Férenczi dialogou, mulheres que tinham voz e presença como Karen Horney, Lou-Andreas Salomé, Sabrina Spilerein, Elizabeth Severn junto a outras seis pacientes mulheres, citadas no “Diário Clínico”, todas descritas como independentes e autônomas, por riqueza ou profissão e a quem Férenczi concedeu diferentes formas de mutualidade em seu contato clínico com elas e no desenvolvimento de seu pensamento.

Mulheres que apontaram para aquilo que o “continente negro” obscurecia, o lugar ambíguo do materno na psicanálise, potência e submissão traumática, que Ferenczi (1988) criou, nomeou e revisou em sua última obra, o “Diário Clínico”.

## O lugar do materno

Durante a pandemia de Covid, vimos as estatísticas de violência contra as mulheres aumentarem consideravelmente. Estatísticas da ONU, da Organização Mundial de Saúde, de consórcios da Imprensa e do Ministério da Saúde Brasileiro indicam que a violência a mulheres, crianças e adolescentes, aumentou em proporções de até 17 por cento em 2020 e este percentual em alguns países aumentou em até 20 por cento em 2021.<sup>1</sup> Declarações como as do atual presidente do Brasil, tentam explicar o fenômeno:

“Tem mulher apanhando em casa. Porquê isso? Em casa que falta pão, todos brigam e ninguém tem razão. Como é que se acaba com isso? Tem que trabalhar, meu Deus do céu. É crime trabalhar?”, afirma o atual presidente em matéria de jornal.<sup>2</sup>

Se por um lado tal declaração nos indigna, por outro nos mostra a triste naturalização da violência. O presidente referia-se aqui aos perigos do isolamento

---

1 A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. Espaço Temático Covid-19 – Contribuições da Saúde Colectiva. Emanuele Souza Marques, Moraes, Claudia Leite de Hasselmann, Maria Helena; Suely Ferreira Deslandes, Michael Eduardo Reichenheim. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420>

2 <https://appsindicato.org.br/em-nova-declaracao-bolsonaro-ataca-mulheres-brasileiras-vitimas-de-violencia/30/03/2020>, visitado em 25 de abril de 2022.

social, caso o homem perca sua liberdade de ir e vir, coisas horríveis acontecem a mulheres, naturalmente. Assim em tempos violentos, a desigualdade dos papéis sociais ressurgem com uma força antes reprimida.

Essa naturalização da violência de forma extrema mostra residualmente uma regressão a uma redistribuição de papéis que ocorreu na micropolítica familiar. Durante a pandemia o imperativo do “fique em casa” adquiriu várias conotações, principalmente em relação a reorganização das famílias. Sem o suporte de terceiros, de avós e parentes, de funcionários domésticos, no ambiente íntimo de cada casa, as divisões de tarefas foram redistribuídas. Novos contratos firmados, separações e uniões inesperadas ocorreram.

Durante o meu contato com pacientes mulheres, chamou-me a atenção o surgimento do ideal materno de abnegação que habita tanto em mulheres como em homens.

Destaco alguns exemplos pontuais.

### **Exemplo A**

No princípio da pandemia decidi que seguiria trabalhando online, mas não atenderia crianças, pois achava que não saberia honestamente como fazer isso de maneira a manter o que de melhor eu pudesse oferecer. Mas me prontifiquei a ficar em contato com os pais. Um dia, a mãe de uma de minhas analisandas crianças telefona-me e diz o seguinte: “Olha só, está o maior sufoco aqui em casa, eu tenho que trabalhar, o P. (companheiro) tem que trabalhar, as crianças têm que estudar online, não temos ajuda de ninguém. Precisamos da sua ajuda. Você acha o quê, que vai dar para você deixar de atender a F. só porque você não quer atender criança online? Olha, eu estou marcando de volta toda a rotina das crianças online e a F. está com muita dificuldade em se adaptar, será que você pode ajudar? Sei que você é mãe também, então ajude uma mãe em apuros, ou sei lá, vou ter que parar de trabalhar e acho horrível ser mãe em tempo integral, nunca conseguirei estar totalmente disponível como eles precisam. Me sinto horrível em dizer isso, mas não quero nem pensar nessa ideia de mãe com dedicação integral.

O apelo me chegou certo, nem tanto por querer ajudar “a uma mãe em apuros”, mas por me dar conta da minha arrogância de não querer “macular” a minha técnica, sem nem tentar entender o que poderia ou não fazer.

Achei curioso que a ideia de “mãe em tempo integral” causasse tamanha reação àquela mãe. Eu a via como uma mãe amorosa e dedicada, me surpreendeu o fato dela se sentir em “apuros”, precisando de respaldo. Ser mãe em tempo integral era exatamente não estar integrada. Um entendimento de retrocesso em posições de independência e autonomia feminina. Voltei a oferecer atendimento online às crianças que eram meus pacientes e recebi outras que iniciaram comigo no modo online.

E, em geral, a culpa das mães se mostrava muito maior em termos de poder se dedicar mais aos filhos. Por um lado, achavam que seria a solução para aplacar as ansiedades de seus filhos com as mudanças impostas pela pandemia. Por outro sentiam que era uma função em que teriam pouco reconhecimento, nenhum ganho com isso. Dedicar-se aos filhos não seria um ato de amor, mas de necessidade e de submissão.

### **Exemplo B**

“Decidi sair do trabalho e ser mãe, acho que estou fazendo uma coisa horrível, nunca mais vou conseguir voltar ao mercado de trabalho, nessa posição que eu acabei de conseguir. Também tenho a certeza que ser mãe como a minha mãe era, dedicada, fazendo tudo para mim, mas sem trabalhar e dependente do meu pai que ficava controlando-a, me faz ficar muito dividida. Vai ser um sofrimento, queria aumentar o número de sessões com você, pode ser?”

As fantasias da analisanda estavam evidentemente ligadas à culpa que sentia por achar que a mãe tinha sacrificado a sua independência para cuidar dela. Algo que a analisanda nunca teria como suprir. Sua mãe era perfeita, executava todas as tarefas que uma mãe deveria fazer. Cuidava da comida, das roupas, dos horários, mas não brincava com ela. Ela não queria ser uma executiva dividida entre o trabalho e a maternagem, por outro lado, não se via executando todas as tarefas que a mãe executava em seu papel de mãe. A mãe que ela guardava, era sim essencialmente uma mãe-executora. E qual mãe ela poderia ser?

Interessante que, havia lhe oferecido antes atendê-la mais vezes por semana e ela dizia que não poderia, pois era muita exigida em sua função. Percebi, então, que ela havia decidido sair do trabalho e que, assim, poderia estar mais disponível para a análise, pois precisava de parceria para gestar a ideia de ter filhos. Isso ela

não poderia fazer sozinha. Por meses, o trabalho analítico foi dar espaço a que esse lugar imaginário de mãe pudesse ser recriado pela analisanda, não como uma repetição de papéis de uma mãe entristecida pela perda de poder e de status social, uma mãe-executora a analisanda não queria, porque não queria repetir a mãe que executava tarefas perfeitamente, mas não sabia brincar com a ideia de ser mãe. Aos poucos, a analisanda foi percebendo o pouco espaço que teve para ser criança e para ter contato com suas partes infantis. Uma mãe estava para nascer, diferente da mãe que ela tinha guardado. A gravidez foi vivida com muita expectativa e ambivalência, hoje a analisanda desfruta a maternidade como uma forma autêntica de criação de si mesma e da nova parceria com seu bebê.

### Exemplo C

“O M. (companheiro) acha que deveria aproveitar que eu saí do trabalho e que deveríamos ter um filho. Aí, nem precisaria usar os óvulos que congelei. Mas saí, justamente, porque era um machismo horrível onde trabalhava. Quem vai ter que ficar grávida sou eu, para ele não muda nada e já estamos brigando porque eu quero que a minha filha tenha o meu sobrenome, porque é que tem que ter o sobrenome dele? Sou eu que carrego e sou eu que vou sustentar. Homem é muito egoísta, né? Só pensam neles. Tenho medo de tudo, de não ser maternal, de não conseguir trabalho, de ficar largada e deprimida, mas também não consigo desistir de ser mãe. Nem sei se tenho o que é necessário para ser mãe. Será que vou ter paciência? Será que vou me tornar uma chata que só fala de fralda e de papinha?”.

Mais uma vez embarquei em uma situação semelhante a ao mesmo tempo diferente.

Cada analisanda encontrava as suas respostas, mas a necessidade de se separar da idealização masculina, de uma mãe abnegada e devota como a virgem Maria ou como a Thalassica, mãe de Ferenczi, me surpreendeu. A mãe, clássica imagem de abnegação e total dedicação, não correspondia mais ao que as pacientes queriam ser. Ao contrário, essa ideia de mãe as assustava, não correspondia mais a um ideal a ser alcançado.

Brevemente descritos, esses personagens, mulheres em torno de 30 a 40 anos, espelham os problemas da oscilação de poder na hierarquia familiar e,

concomitantemente, falam de uma mãe idealizada de antes, como alguém que emerge de forma mítica e ameaça e interrompe a existência de um para dar vida ao outro, ao dar-se completamente ao outro, sentem-se regredindo a serem dependentes e diminuídas, relegadas a um papel secundário ou a total inexistência.

Escuto nos impasses destas personagens a ambivalência em torno do materno, como um análogo ao que Ferenczi descreve em Thalassa, o ambíguo desejo de retorno a uma matriz materna idealizada que ameaça a existência e um desejo potente de gerar, reconhecendo que é necessário adaptar-se a um outro. Aliás Thalassa, elencada por Férenczi, é a deusa mítica, senhora dos mares e geradora solitária, que esse autor usa como o mito que ilustra a matriz primária, originária da vida. Mas elas buscaram uma parceria na análise, uma forma de gestar uma mãe para seus filhos que pudesse vir a ser diferente.

Note-se, uma sombra na feminilidade, o feminino resiste a ser diminuído ao papel de mãe, que é sentido como um retrocesso à emancipação antes conseguida. Isso, em si, foi traumático, requerendo ajustes aloplásticos (do meio), sair do trabalho, reorganizar espaços externos e autoplásticos, encontrar espaços em si mesmas.

Hoje temos consciência que essas adaptações têm um custo à valorização e à emancipação feminina.

No “Diário Clínico” encontramos uma passagem em que Ferenczi faz uma alusão à naturalidade que Freud e a psicanálise solicitava da mulher, que renunciasse a si mesma sem concessões e que ele teria repetido esse erro ao conceber sua visão sobre o materno, quando propôs a sua teoria da genitalidade. Escreveria Ferenczi:

“A minha teoria sobre a genitalidade pode ter muito bons pontos, mas, em seu modo de apresentação e em sua reconstrução histórica, ainda fica muito colada às palavras do mestre (Freud); uma nova edição deverá ser totalmente reescrita. Um exemplo: a teoria da castração feminina. Freud pensa que o clitóris se desenvolve e funciona anteriormente do que a vagina, isto é, meninas nascem com a sensação de que elas têm um pênis e, somente depois, elas aprendem a renunciar tanto a isso, quanto ao amor passional pela mãe e

passam a aceitar a feminilidade vaginal e uterina. Assim, ele (Freud) negligencia a possível alternativa de que a orientação instintiva heterossexual (talvez só na fantasia) seja desenvolvida bem antes, e que a masculina só se manifeste por razões traumáticas (cena primária), como um sintoma histérico.” (p. 187).

É difícil decifrar com exatidão o que Ferenczi teria em mente ao escrever essa nota, mas fica claro que há uma mudança sobre o entendimento da sexualidade feminina. A castração feminina não estaria ligada a uma incompletude, mas ao contrário a uma completude que teria de ser perdida para dar lugar à existência de um outro.

Creio que, em sua crítica ao “mestre”, Ferenczi pode ter dialogado com o trabalho de duas analistas que oferecerem críticas e sugestões alternativas à centralidade do Complexo de Édipo no desenvolvimento sexual feminino, em seu próprio tempo.

São elas Karen Horney e Lou Andreas-Salomé. Apresento apenas indícios de uma pesquisa que precisará ser melhor desenvolvida. Sabemos que Ferenczi conhecia Horney e era amigo próximo de Lou Andreas-Salomé. Ela, inclusive, por ocasião da morte de Ferenczi escreveu que “Ele (Ferenczi) não foi o presente, mas o futuro” (Svekacs-Weis & J., Keve, T., 2012)

Suponho que Ferenczi conhecia bem as ideias dessas autoras e que parecem infiltradas na crítica que ele faz quando diz que sua “teoria da genitalidade” deveria ser totalmente reescrita.

1. Karen Horney (1932) no seu artigo “Medo de mulher” originalmente publicado no International Journal e contido em seu livro “Psicologia Feminina”, escreveu:

“Uma das exigências das diferenças biológicas é essa: que o homem seja realmente obrigado a estar sempre provando a masculinidade diante da mulher. Para ela não existe necessidade análoga. Mesmo frígida pode ter relações sexuais, conceber e parir uma criança. Ela realiza seu papel apenas sendo, sem

nada fazer – fato que sempre encheu os homens de admiração e ressentimento. Eles têm sempre que fazer alguma coisa para se realizar. O ideal de eficiência é tipicamente masculino” (p. 143).

2. Lou Andreas Salomé (1921/2021) em um belíssimo artigo, agora disponível em português, “Narcisismo com Dupla Direção” e publicado originalmente em 1921, escreveu:

“É esse vestígio, remanescente da própria sexualidade clitoriana, que, em se tornando supérflua para o objetivo genital, vive na mulher de modo mais infantil ou puerilmente até..., sim, mesmo talvez, quando no parto a mulher coloca o “filho” de si mesma no mundo. Nesse clímax da experiência feminina, ela, a geradora, a alimentadora, a educadora da criança, está ao mesmo tempo próxima ao elemento masculino. É sua parte de atividade que se complementa de modo quase bissexual e, portanto, se volta ao narcisismo original, o qual somente é possível na imagem da mãe que segura o seio para doá-lo a seu filho. (Andreas Salomé, p. 34, 2021)

O diálogo com a citação de Ferenczi, mencionada antes, é com a ideia de que o materno já conteria a bi-sexualidade, ou seja, a mulher precisa gestar tanto o bebê como a mãe do bebê, e, isso é algo que minhas pacientes precisavam fazer comigo em análise e não com seus parceiros, era necessário poder dar lugar a uma mãe diferente daquela que elas possuíam em seu próprio imaginário.

A idealização do materno recai como sombra na existência feminina, muitas vezes como uma idealização masculina da maternidade, uma identificação com esse agressor exigente que precisa se despir da vaidade do reconhecimento social masculino para buscar uma nova forma de reconhecer-se como mãe.

Termino por aqui esta exposição, deixando aberta a presença dessas pequenas frestas para a imaginação. Partilho com vocês um samba que escutava quando criança e que me lembrei enquanto escrevia esse texto

## Amélia Que Era Mulher de Verdade

Você só pensa em luxo e riqueza  
Tudo o que você vê você quer  
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia  
Aquilo sim é que era mulher

Às vezes passava fome ao meu lado  
E achava bonito não ter o que comer  
Quando me via contrariado  
Dizia: Meu filho, o que se há de fazer?

Amélia não tinha a menor vaidade  
Amélia é que era a mulher de verdade.

*Samba popular brasileiro gravado em 1941,*

*Mario Lago e Ataulfo Alves*

## Referências

Andreas-Salomé, Lou (1921/2021) *Narcisimo como dupla direção* (trad. de Fabio Caprio Leite de Castro; série dirigida por Lucas Krüger). Artes e Ecos.

Aron, L.& Harris, A. (1993). *The legacy of Sandor Ferenczi*. Routledge.

Dupont J (ed) (1988). *The Clinical Diary of Sándor Ferenczi*. Translated by Balint M, Jackson NZ. Cambridge, Mass, Belknap Press (Harvard University Press).

Ferenczi, S. (1924). *Thalassa: Ensaio sobre a teoria da genitalidade*. Obras Completas III. Martins Fontes. 1993.

Ferenczi, S. (1928). *O problema do fim da análise*. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV*. Martins Fontes. 1992a.

Ferenczi, S. (1933). *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. In *Sándor Ferenczi: Obras Completas. Psicanálise III* (pp. 97-106). Martins Fontes. 1992.

Freud, S. (1914). A História do movimento psicanalítico In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 14. Imago. 1996.

Freud, S. (1917-1918). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Imago. 1996.

Freud, S. (1937). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23 [CD-ROM]). Imago.

Goldfajn, D.; Kupermann, D.; Martins, K. (2018). As contribuições teórico-clínicas de Sándor Ferenczi. In: Andrés Eduardo Aguirre Antúnez; Gilberto Saфра. (Org.). *Psicologia Clínica, da Graduação a Pós-Graduação*. Atheneu, V. 1, p. 35-40.

Green, A. (1990b). *Le complex de castration*. PUF.

Gutierrez-Peláez, M. (2013). Sándor ferenczi y la intelectualidad húngara del siglo xx, *Affectio Societatis*, Vol. 10. No 18. ISSN 0123-8884

Hoffer, A. (1991). "The Freud-Ferenczi Controversy – a living legacy" in *Int. Rev. Psycho-Anal.* 18, 465.

Horney K. (1993). *Feminine Psychology*. (USA: W. W. Norton & Company; Reissue edition).

Mezan, R. (2014). *O tronco e os Ramos*. Companhia das Letras.

Mitchell, S.A. (1995). The Legacy of Sandor Ferenczi. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 43:228-231.

Wallerstein R. (1990). Psychoanalysis: the common ground. *The International Journal of Psychoanalysis*. 71 (Pt 1):3-20. PMID: 2332293

Svekacs-Weis, J., Keve, T. orgs (2012) *Ferenczi and his world: Rekindling the spirit of the Budapest School*. Karnac.